

ra convívio social que lhe abrisse a visão para poder, por si mesmo, assuntar os fatos, as coisas, os problemas e, portanto, sua mentação era tão precária que, raras vezes, conseguia emitir um juízo plausível a respeito do que visse, ouvisse, lesse ou sentisse. E, no entanto, era um bom. Rapaz de chorar diante da miséria de um desconhecido, de dar um pedaço de sua carne a um cão que se aproximasse e até de levantar-se e interceptar um desconhecido, fosse quem fosse, que estivesse fora da linha em relação a uma senhora qualquer. Quando se dizia uma gracinha uma vez, duas, na terceira, ele ia lá:

— Sem-vergonha! — dizia pronto a tudo.

O sujeito se assustava e ia embora.

Vivia um drama de família. Casara-se cedo, pouco depois, o casal ganhou uma filhinha. Já ele estava, a esta altura, sem trabalho. (Não consegui apurar qual teria sido o emprego dele, mas já estava sem trabalho quando o conheci.) E incompatibilizado com o lar, onde não podia aparecer por não saber como encarar esposa e filha. Essas, já se achavam, pois, com o amparo de parentes (irmãs, irmão, pai, sabe-se lá quem). Ele vivia de pequenas dádivas dos amigos, entre os quais, o mais constante, isto é, o mais procurado, era Lima.

“Nasci sem dinheiro, mulato e livre.

A minha esperança está no milhar 47875. Se ele não der, não sei como salvo esta bodega.”

(Vida Urbana)

“Além disso, os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodos (quem as suporia lá!) constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino.



Capa da 3.<sup>a</sup> edição de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, O Livro de Bolso.